

**FALA ADOLESCENTE: A INFLUÊNCIA DOS FATORES LINGUÍSTICOS NA
CONCORDÂNCIA VERBAL****ADOLESCENT'S SPEECH: THE INFLUENCE OF LINGUISTIC FACTORS IN
AGREEMENT VERBAL**Eliane Vitorino de Moura Oliveira¹

Resumo: O adolescente, em uma etapa de vida marcada por processos de várias ordens, utiliza a língua como um meio de se impor, fixar-se como integrante de um determinado grupo. Ou seja, utilizar a língua de uma forma ou de outra se torna um símbolo por meio do qual apresenta sua imagem ou seu valor social diante dos outros, com o intuito de torná-lo igual aos seus. Assim sendo, sua expressão linguística mostra-se um campo profícuo de pesquisa, já que ele terá que adequar sua expressão à variedade utilizada pelo grupo em que se insere ou quer se inserir. Esta especificidade nos levou a buscar uma análise mais aprofundada da forma de expressão adolescente, por meio da investigação do uso da língua, em especial a Concordância Verbal (CV), analisando que peso têm os fatores linguísticos na configuração da fala adolescente. Desta forma, com base nos pressupostos da Sociolinguística, utilizando sua vertente quantitativa, tendo como base, em especial, estudos de Scherre (1988, 1998, 2008), apresentamos os resultados desta pesquisa, com o intuito de que estes venham a colaborar na valorização de estudos direcionados à variação linguística no meio escolar.

Palavras-chave: Adolescência; Fatores linguísticos; Variação linguística.

Abstract: The adolescent, in a stage of life marked by processes of various orders, using language as a means to enforce, set up as a member of a particular group. That is, using the language of one form or another becomes a symbol through which presents its image or its social value before others, in order to make it equal to his. Thus, their linguistic expression proves a useful field of research, since he will have to adapt their expression to the variety used by the group to which it belongs or wants to enter. This specificity has led us to seek a more thorough analysis of the adolescent form of expression, through the investigation of language use, particularly the Verbal Agreement (CV), analyzing the factors that have weight in the configuration of language spoken teenager. Thus, based on the precepts of Sociolinguistics, using its quantitative aspect, based in particular Scherre (1988, 1998, 2008) studies, we present the results of this research, in order that they may collaborate in the recovery studies aimed at linguistic variation in the school.

Keywords: Adolescence; linguistic factors; linguistic variation.

Introdução

A linguagem representa a origem do sujeito visto que é nela e por ela que ele se constitui. Sua realização, entretanto, efetiva-se na interação, em cuja relação é construída a língua, marca da racionalidade e produto da atividade humana.

Assim, compactuar com a concepção de língua como um produto acabado não é possível, visto ser ela basilar para as relações sociais que se dão entre os sujeitos, numa

¹ Professora da Universidade de São Tomé e Príncipe - USTP, África, pelo Programa Leitorado do Governo Brasileiro. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Liaoliver13@gmail.com

dinâmica geradora da variação e de tudo quanto favorece as diversas formas linguísticas presentes na fala espontânea de pessoas, grupos e comunidades.

Estudos diversos vêm sendo realizados no Português Brasileiro (PB) no sentido de sistematizar a variação linguística existente e combater o “caos linguístico” evidenciado por Tarallo (2010, p. 6). Neste sentido, muito vem sendo pesquisado em várias frentes, sendo uma delas, bastante profícua, a análise da concordância de número, a qual, para muitos estudiosos, é sistematicamente variável e passível da influência de fatores linguísticos diversos.

Neste trabalho, com base nos pressupostos da Sociolinguística, investigamos a maneira como dezesseis adolescentes utilizam a variedade padrão da língua – em especial a concordância verbal (CV), por ser a CV um dos fenômenos linguísticos mais carregados de marca de divisão de classes (Scherre, 2008).

Estes informantes são meninos e meninas com idade entre 15 e 17 anos, cursando o Ensino Médio (EM), sendo oito estudantes de escolas particulares e integrantes da classe social privilegiada – classe P, e oito estudantes em escolas públicas e oriundos das classes sociais menos favorecidas – classe D.

Empenhamo-nos nesta pesquisa por acreditarmos que o conhecimento dos fatores linguísticos que interferem no uso ou não da CV poderá trazer à tona relevantes sinais a serem observados ao se refletir sobre o ensino da língua materna. Além disso, esperamos que sua conclusão possa colaborar para a inserção e valorização de estudos direcionados à variação linguística no meio escolar, trazendo para dentro das salas de aulas uma abordagem mais eficaz da variação linguística.

1 Fundamentação teórica

Como a interação indivíduo/sociedade se dá pela linguagem, a eficiência deSa dependerá da capacidade do indivíduo em ajustar a língua de acordo com a variedade presente no meio em que vive. Como bem relatam os PCNs (BRASIL,1998:29), “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, [...]”

Tais alegações contribuem para exterminar o pensamento, bastante arraigado, que atribui homogeneidade à língua; Camacho (2001, p. 57) lembra que “nenhuma língua natural humana é um sistema em si mesmo homogêneo e invariável.”, sendo apoiado por Castilho (2010, p. 197), quando alega que “as línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através

delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia”.

Fatos como estes puderam vir à tona a partir de estudos específicos, em especial iniciados pela Dialetoлогия, complementados e atualizados pela Sociolinguística, ciências que, equivalentes e necessárias uma a outra, são a gênese dos trabalhos com a variação. Assim, podemos notar que, na atualidade, a Dialetoлогия não se fixa tão somente no eixo diatópico, mas, como lembram Ferreira e Cardoso (1994), aos seus estudos juntam-se outros no campo da Sociolinguística, incluindo-se a variação social, pois o falante é de determinada região, mas, ao mesmo tempo, tem um perfil social que o identifica em uma faixa etária, um sexo, um grau de escolaridade específico, enfim, ele é um ser social, além de linguístico.

O aspecto social da língua já chamava atenção no início do século XX, inclusive nos trabalhos de Saussure. Entretanto, foi na década de 60 que começou a ser investigado minuciosamente por estudiosos da língua, entre os quais William Bright e Hymes, mas foi com William Labov que o termo Sociolinguística se estabeleceu, uma vez que foi ele que “mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 2007, p. 7)

Os estudos da Sociolinguística quantitativa (ou variacionista ou laboviana) são voltados para a relação entre língua e sociedade, em busca de sistematizar as variações da língua falada por intermédio de pesquisas que consideram fatores extralinguísticos, tais como classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros, a fim de demonstrar a interdependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social em que vivem. Sistematiza a língua falada e estuda sua estrutura e evolução no contexto social da comunidade em que se pratica a fala. É considerada quantitativa por envolver a análise de volumoso número de dados produzidos, implicando o uso de instrumentos estatísticos para o tratamento dos dados.

Segundo Labov (2008) o que existem não são as línguas, mas sim os falantes reais que interagem entre si de forma complexa, obedecendo às regras das sociedades em que vivem. Assim sendo, ele atribui aos fatos da linguagem e aos fatos sociais o mesmo grau de importância, unindo-os num patamar único.

Ao atribuir importância ao social, Labov institui certa rejeição as correntes linguísticas que deixaram de fora o fator social da linguagem, em especial o Gerativismo de Chomsky, uma vez que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21).

1.2 Concordância Verbal

São inúmeros os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos sobre a CV em nossa língua, pois o assunto em si traz divergências. Aquilo que é tido como adequado para alguns, pode não o ser para outros, fato que se percebe nitidamente nas salas de aula.

A ocorrência da CV define sujeito e o núcleo do predicado, representado pelo verbo, concebendo uma relação de identidade entre o termo determinante e o determinado, ocorrendo, assim, uma perfeita conexão entre os elementos da oração.

Bueno (1968, p. 268) informa que “concordância é a conformidade em gênero, número e pessoa entre a palavra regente e a palavra regida”. Cunha (1985, p. 485) relata que “a concordância evita a repetição do sujeito que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajustada”. Baccega (1986) define CV como o liame entre o verbo e um dos constituintes da frase. Para Perini (1995), a oração estruturada hierarquicamente contém constituintes que, por sua vez, contêm outros constituintes, tendo, cada um deles, uma função ímpar, que tornam a CV um fenômeno hierarquizado, dependente do posicionamento de determinados constituintes na oração. Para Terra (1997, p. 224), “a CV é o processo pelo qual o verbo altera suas desinências para ajustar-se em pessoa e número com o sujeito”. Carone (2002) relata que é o verbo a palavra que ata as outras a si, subordinando-as e com elas formando um nó, o que configura a concordância. E, por fim, para Castilho (2010), trata-se de uma conformidade morfológica entre uma classe, representada aqui pelo verbo, e seu escopo, representado pelo sujeito.

Tais conceitos dão a entender que as regras para este fenômeno são aplicadas categoricamente, mas a própria gramática normativa menciona uma lista de casos em que fatores intervêm na regra, a maioria ligada à relação do falante com o que é enunciado. Por mais que os estudos sociolinguísticos apontem para a flexibilidade da concordância na fala, ela é alvo de discriminação. Expressões como *Nós vai* ou *A gente vamos*, comumente utilizadas por falantes que não dominam a norma culta, encontrarão sempre quem as considere erros inaceitáveis, ao invés de concebê-las como formas diferenciadas e presentes no uso cotidiano da língua materna.

Este quadro só terá alteração quando a escola passar a encarar o ensino com uma visão mais condescendente com a vivacidade da língua, já que, de uns tempos para cá, já não ocupam os bancos escolares apenas os falantes da norma culta, mas de todas as variedades de nossa língua.

Entretanto, não houve alteração do dia-a-dia escolar, com o professor despreparado para atender tal demanda, fazendo com que continue a “impor um standard fixo, que ele erroneamente acredita ser o que ele mesmo segue, em jovens que erroneamente acreditam que também eles não fazem qualquer concessão ao outro lado na vida diária.” (LABOV, 1974, p. 72), além de livros didáticos ainda baseados em antologias.

Estamos certos de que, ao observar o uso da CV em diferentes grupos, considerando em especial o uso que dela fazem os adolescentes na interação com seus iguais, será possível pensar em novas alternativas para o ensino, de forma a trabalhar a norma culta, mas também toda a diversidade encontrada nesse “tabuleiro de comunidades diferenciadas” (CASTILHO, 1988, p. 57) que forma o nosso país, além de proporcionar o ensino de LP em conluio com a realidade atual.

2 Análise

Os informantes foram selecionados por suas respostas a um questionário socioeconômico. Os critérios para definição de situação econômica foram a posse de bens como casa própria, veículos e piscina; frequência/qualidade de viagens; participação como sócio permanente em clubes recreativos e a localização e o conceito do bairro em que moram: se central, periférico, elitizado ou popular.

Os informantes de escolas públicas, inseridos na classe D, são denominados I1, I2, I3, I4, I5, I6, I7 e I8. Todos têm sua formação realizada em escolas públicas, fazem curso profissionalizante visando ao primeiro emprego, moram em bairros pobres e violentos da periferia de Londrina, não têm veículo e computador em casa, mas utilizam *lan houses* para acessar os sites de relacionamento dos quais participam; os informantes de escolas particulares, integrantes da classe P, denominam-se I9, I10, I11, I12, I13, I14, I15 e I16, e moram em bairros nobres, têm formação toda em escolas particulares (excetuando a I11), televisão a cabo, mais de um veículo e mais de um computador em casa.

Em meio aos adolescentes entrevistados da classe D, uma relevante diferença quanto ao uso canônico de CV pode ser notada. Entre as mulheres, os dados da I1 contrariam estudos que comprovam serem estas mais adeptas às formas canônicas de uso da língua, uma vez que

a utiliza em apenas 4% das vezes. A I2 realiza CV canônica em 33% das vezes, a I3 em 83% e a I4 25% das passagens de fala em que foi necessária a CV.

Tal discrepância também foi notada entre os meninos. Em 76% das respostas em que apareceu a CV, ela foi realizada canonicamente pelo I5. O I6 e o I7 não realizaram a CV canônica em 82% dos casos e o I8 faz uma mescla, concordando canonicamente em 66% das vezes.

Entre os integrantes da classe P, as mulheres utilizaram a forma canônica da CV de forma condizente com seu sexo, de acordo com Labov (2006), visto que a I9 a utilizou em 92% dos casos, enquanto a I10 e a I11 em 78% e a I12 em 75%. Entre os meninos, o I13 concordou 64%; o I14, 90%; I15, 63% e o I16, 67%.

Desta forma, por meio destes informantes, não há como afirmar categoricamente que os adolescentes inseridos na Classe D não usem a CV, bem como é possível afirmar, ainda que não categoricamente, que há uma opção maior pela CV entre os integrantes da classe P.

2.1 Fatores Condicionantes

O que se lê na seção imediatamente anterior não pode ser tomado como conclusivo, visto que há muito em torno desse uso ou não da CV. Fatores linguísticos diversos podem interferir nesses resultados. Para a aferição destes, nossas análises utilizam a vertente qualitativa da Sociolinguística e alguns fatores apresentados por Scherre (2008).

2.1.1 Saliência fônica

Para averiguar a relevância deste fator na CV ou não-CV entre nossos informantes, observamos os seguintes aspectos: i) saliência forte, representado pelo verbo *Ser* e ii) saliência média a baixa, representado por formas verbais que se diferenciam pela adição de vogal ou ditongo nasalizado ao singular e formais verbais que se diferenciam pela nasalização da vogal átona final, concluindo ser este fator relevante para a realização da CV, já que, no resultado geral, em 70% das oportunidades de uso, estes verbos apareceram com CV.

Considerando o grau de saliência, no total de informantes, as formas verbais que menos favoreceram a CV foram os de saliência média a baixa (*gosta/gostam; traz/trazem; dá/dão*, etc.), pois há 65% das ocorrências CV. Os verbos de saliência forte (verbo *Ser* e verbos no pretérito perfeito regular) fazem valer sua saliência, favorecendo a CV em 84% dos casos.

Em contrapartida, analisando separadamente as classes D e P, encontramos resultados diversos. Na fala dos informantes da classe P, há CV em 97% dos usos com verbo de saliência forte e 93% dos casos com verbos de saliência média a baixa e em 95% dos usos dos pretéritos. Já a classe D realiza a CV com verbo de saliência alta em 62% das ocorrências e em apenas 30% dos casos com os verbos de saliência média a baixa. Desta forma, concluímos que não só os verbos com saliência média a baixa, mas também os de saliência forte, desfavorecem a realização da CV entre os informantes da classe D, sendo o resultado geral influenciado pelas especificidades desta classe.

2.1.2 Proximidade sujeito/verbo

Segundo Scherre (2008), a posição do sujeito em relação ao verbo é importante fator que se correlaciona à variação da regra de CV. Quanto mais distante um do outro estiverem o sujeito e o verbo, mais difícil se torna a realização da CV, além do favorecimento de ocorrência de CV quando o sujeito se encontra imediatamente à esquerda do verbo. Nossas análises mostram que tal assertiva não funciona apenas em relação aos informantes I1 e I7, os quais, nas ocorrências em que aparece este fator, realizam a CV em apenas 12% e 20% das vezes, respectivamente. Nos demais informantes, isso prevalece, visto que a maioria o faz acima de 70% das ocorrências, inclusive com dois informantes da classe D (I3 e I5) e seis da classe P (I9, I10, I11, I14, I15 e I16) concordando em 100% das vezes. Neste sentido, podemos estabelecer uma diferença sensível entre os informantes das classes, visto que, entre os inseridos na classe D, a média de CV é de 67%, enquanto na classe P a média é de 98% de ocorrências neste fator.

Scherre (2008, p. 54) também atesta que a posição relativa também influencia a CV. A autora relata que “o sujeito expresso à esquerda mais próximo ao verbo evidencia efeito intermediário [...] e o sujeito expresso mais distante evidencia desfavorecimento relativo.” Neste sentido, 50% dos informantes da classe D não realizam a CV em ocorrências em que há separação entre o sujeito e o verbo por uma a quatro sílabas, o que diverge bem claramente dos informantes da classe P, já que o fato ocorre apenas com um informante, o qual deixa de realizar a CV em 22% das ocorrências.

Scherre (2008) também cita como influenciador contundente da não-CV o sujeito posposto, o que é contradito em nossa análise. Entre os informantes da classe D, foram quatro as ocorrências e em todas houve CV. Entre os informantes da classe P, houve oito ocorrências, não sendo realizada a CV em 25% delas.

Com o sujeito zero próximo (quando imediatamente expresso anteriormente), observamos que 75% dos informantes da classe D deixou de concordar em, pelo menos, uma das ocorrências, ao contrário da classe P, cujos informantes deixaram de concordar em apenas 25% das vezes em que o fator apareceu. Com o sujeito zero distante (quando sem qualquer referência anterior na resposta ou quando referido pelo pesquisador na pergunta) apenas uma informante de cada classe deixou de concordar. Assim, de acordo com os quadros, a CV é mais produtiva quando não há proximidade com o sujeito zero, talvez por interferência da pergunta, uma vez que a maioria das ocorrências com tal fator refere-se a respostas diretas a perguntas expostas com a CV adequada.

2.1.3 Traço semântico do sujeito

Scherre e Naro (1998, p. 48), em estudos sobre a língua falada na década de oitenta, observaram que “o traço (humano) desempenha um papel importante na concordância verbal. Na língua falada, sujeito (+humano) controla a concordância explícita plural de forma mais acentuada do que sujeito com traço (-humano)”.

A análise dos informantes da classe D contradizem os resultados de estudos anteriores. Com sujeitos com traço + humano (*Eles é; os artista anda; Os professores são; Nós falamos; Nós vai; Meus tio vai; Alguns dá; A gente conversa; etc.*), há praticamente um empate entre CV e não CV. Em se tratando de traço – humano (*Os programas são; Os livros me levam; As letras quer; Essas coisa interfere; Os meus dias são, etc*), ainda que as ocorrências sejam bem menos frequentes, a CV é realizada em 71% das vezes.

Entre os informantes da classe P, ambos os traços apresentam favorecimento para a realização da CV, não sendo, portanto, relevantes neste caso.

| | + HUMANO | | - HUMANO | | TOTAL |
|-----------------|------------------|-----------------|-----------------|----------------|------------|
| INF1 A | 109 (54%) | 92 (46%) | 12 (71%) | 5 (29%) | 218 |
| INF8 | | | | | |
| Classe D | 201 | | 17 | | |
| INF9 A | 230 (97%) | 7 (3%) | 68 (96%) | 3 (4%) | 308 |
| INF16 | | | | | |
| Classe P | 237 | | 71 | | |

Quadro 1 – Traço semântico do sujeito - Fonte própria, 2012

2.1.4 Paralelismo linguístico

Quando formas parecidas tendem a aparecer juntas, ou seja, dentro de um enunciado, se há CV entre os constituintes da primeira oração, é alta a probabilidade de a oração seguinte também apresentar tais marcas, enquanto, se uma oração, aparecendo como primeira de uma série, não apresentar CV, possivelmente a outra não a apresentará, ou seja, “sintagma verbal marcado no plural leva a novos sintagmas verbais no plural”. (CASTILHO, 2010, p. 413).

Esse paralelismo, fator importante na análise da variação das línguas, de acordo com Scherre (1998:30), “ocorre entre as cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático), e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra)”

Neste trabalho, interessam-nos as ocorrências no plano discursivo e no plano oracional, analisando se os resultados apresentados por nossos informantes vêm a confirmar ou não as seguintes afirmações de Scherre (1998): i) se o primeiro verbo (verbo precedente), referindo-se ao mesmo sujeito ou a sujeito do mesmo campo semântico, for marcado com a CV, há o favorecimento da CV no verbo subsequente. Não havendo a marcação no primeiro, ou seja, com variante zero, há favorecimento da não-CV no próximo verbo; ii) se o último elemento do sujeito aparecer com variante explícita de plural, há favorecimento da CV nos verbos, e, sem a variante (variante zero), favorece-se a não-CV no verbo.

Nossas análises concluíram que, no plano discursivo dos informantes da Classe D, é possível observar mais ocorrências com o verbo sem a CV, num total de dez. Destas, em apenas uma, com o I2 (*Elas é um pedaço sabe de mim assim, são muitos legais comigo, me tratam bem.*) a assertiva de Scherre (1998) não se justifica. Com o primeiro verbo apresentando CV, são sete passagens, com duas delas (I2: *Os da minha sala eles são legais, não briga, não xinga, não faz essas coisas.*; I3: *Eles sabem do que gosta*) abonando a afirmativa.

Com os informantes da classe P, houve apenas ocorrências com o 1º verbo com CV, seguido de outros também com a variante marcada, corroborando a afirmativa anunciada anteriormente.

No plano oracional, as ocorrências foram mais produtivas. Entre os informantes da classe D, há dezesseis momentos em que o último elemento do sujeito tem marca explícita de plural. Desses, 63% confirmam a afirmativa e 38% a negam (I1: *Muitas pessoas fala essa língua, né?*; I2: *Minhas amigas também joga, etc.*)

Num primeiro momento, haveria a possibilidade de que a não-CV, nestes casos, fosse propiciada pela existência de um ou mais vocábulos entre o último elemento do sujeito e o verbo, como se vê nos dois exemplos da I2 e no primeiro do I7, entretanto, os demais exemplos vêm a negar tal hipótese.

Foram quatorze as passagens com o último elemento sem a marca explícita do plural. Desses, 86% não apresentam CV e 14% fogem à sistematização:

I7: *As mulher são importante no mundo; Os cara parassem de vender droga.*

As ocorrências apresentando este fator, entre os informantes da classe P, foram em número de quarenta e sete, com 92% corroborando Scherre (1998). Entre os 8% que desabonam a sistematização da autora, encontram-se frases como:

I9: *Os babaca que assistem.; Os menino são mais interessante.*

I13: *Outros site também que trazem.; Uns moleque me chamavam.*

Assim, é possível considerar que a sistematização apresentada por Scherre (1998) encontra respaldo em nossos estudos, já que 73% das ocorrências dos informantes da classe D e 92% da classe P a corroboram.

| INF | PLANO DISCURSIVO | | | | TOTAL | PLANO ORACIONAL | | | | TOTAL |
|--------------|------------------|----------|-----------------|----------|-----------|--------------------|----------|------------------------|----------|-----------|
| | 1º VERBO CV | | 1º VERBO NÃO-CV | | | ÚLTIMO ELEMENTO CV | | ÚLTIMO ELEMENTO NÃO-CV | | |
| | CONF | NÃO | CONF | NÃO | | CONF | NÃO | CONF | NÃO | |
| INF1 | 0 | 0 | 4 | 0 | 4 | 0 | 1 | 3 | 0 | 4 |
| INF2 | 1 | 1 | 0 | 1 | 3 | 0 | 2 | 2 | 0 | 4 |
| INF3 | 1 | 1 | 0 | 0 | 2 | 5 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| INF4 | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | 1 | 1 | 0 | 0 | 2 |
| INF5 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| INF6 | 0 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 5 | 0 | 5 |
| INF7 | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 | 0 | 2 | 2 | 2 | 6 |
| INF8 | 4 | 0 | 0 | 0 | 4 | 4 | 0 | 0 | 0 | 4 |
| TOTAL | 7 | 2 | 9 | 1 | 19 | 11 | 6 | 12 | 2 | 31 |
| INF9 | 7 | 0 | 0 | 0 | 7 | 8 | 0 | 0 | 2 | 10 |
| INF10 | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 | 6 | 0 | 0 | 0 | 6 |
| INF11 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 4 | 0 | 0 | 0 | 4 |
| INF12 | 3 | 0 | 0 | 0 | 3 | 14 | 0 | 0 | 0 | 14 |
| INF13 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 2 | 2 |
| INF14 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| INF15 | 2 | 0 | 0 | 0 | 2 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| INF16 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| TOTAL | 16 | 0 | 0 | 0 | 16 | 43 | 0 | 0 | 4 | 47 |

Quadro 2 – Paralelismo linguístico - Fonte própria, 2012.

2.1.5 Sujeitos formados por expressões partitivas

Seguindo as regras gramaticais, a CV, neste caso, é facultativa. De acordo com Rocha Lima (2003:394) “Se a um nome no plural antepomos uma expressão quantitativa [...] o verbo fica no singular ou no plural”. Ou seja, tanto pode o verbo concordar com a expressão, como com a palavra que a segue. Em nossos estudos, observamos preferência pela CV com a expressão em quatro ocorrências e concordância com a palavra que segue a expressão em duas passagens:

I1: A maioria deles é legal, assim, comigo.

I10: A maioria não me influencia.

I13: Grande parte dos filmes não é bom

I16: A maioria que fala.

I5: Mas a maioria deles chegam até a ser meio chatos.

I11: A maioria deles são do Aplicação.

2.1.6 A CV com *Nós* e *A gente*

De acordo com Omena (1998a:189), a introdução da expressão *A gente* em nosso sistema pronominal “é uma modificação, dentre outras, que vem provocando uma reestruturação no sistema, o que é comprovado pela riqueza do uso variável dessas formas no discurso.” Para a autora, há fatores lingüísticos, pragmáticos e sociais que interferem na escolha da forma nas situações de fala, e estas escolhas podem conduzir o falante a uma situação de estigmatização.

Entre nossos informantes, tanto de forma geral, como estratificando por classe, que os informantes utilizam mais a forma estigmatizada *A gente*, com 60% da preferência, corroborando as afirmativas de que o uso desta expressão trata-se de uma mudança em curso no PB.

Observamos que somente informantes da classe P optaram por utilizar o sujeito composto, além disso, nesta classe apareceram mais orações com o sujeito oculto, o que demonstra terem domínio da língua padrão relativamente superior ao da classe P, como já vem sendo observado na análise de outros fatores.

Seguindo as regras da Gramática Normativa (Faraco e Moura, 2003), o pronome *Nós*, funcionando como sujeito, deve levar o verbo para o plural; já a expressão *A gente*, também na situação de sujeito, induz o verbo ao singular.

Estudos apontam para o uso de *Nós + verbo no singular* como inerente as camadas sociais desprivilegiadas, assim como Scherre (2008) mostra que construções com *A gente + verbo no plural* são estigmatizadas em nossa sociedade, ainda que comuns ao PE.

Em nossos estudos, encontramos apenas uma ocorrência da forma estigmatizada de uso de *A gente*, com a I4 (*A gente vamos simplificando*), entretanto, a forma estigmatizada de uso do *Nós* foi marcante, em especial na fala da I1 (*Nós vai nas festa; sábado agora nós foi, etc.*), I6 (*Nós tava na roça lá perto; E nós foi tudo lá, etc.*) e I7 (*Nós tem que ir tipo por conta da vontade, etc.*)

Em todas as estruturas neste sentido, não ocorre CV. Entretanto, contrariando Scherre (2008) que aponta como marca das classes menos favorecidas a opção por *A gente* em detrimento do *Nós*, a I1 não a utiliza em nenhum momento e o I6 e I7 somente em duas passagens.

A I2 traz um dado interessante. Na maioria de sua fala, não usa a CV, entretanto, é comum a autocorreção. São sete as ocorrências de terceira pessoa, sendo que, em quatro delas, ela inicia a frase com o pronome *Nós*, mas altera para *A gente* (*Nós, a gente vai sempre pra Nova America da Colina; Nós, a gente se diverte bastante; Nós, a gente sempre vai em campeonatos de futebol; Nós, a gente ia se divertir bastante*). Tal alteração se faz, possivelmente, devido à informante ter maior domínio da CV utilizando a expressão, uma vez que é notável que a mesma tenta se ajustar sua fala à do entrevistador, ou seja, de se adequar ao padrão de língua utilizado por este.

A I3 e a I4 apresentam mistura bem delimitada de uso, usando *Nós* em 50% dos casos e *A gente* em 50%.

Como vimos observando em outros fatores analisados, o I5, inserido na classe D, tem um padrão linguístico mais parecido com a língua culta, utilizando a CV padronizada também neste fator, além de haver um equilíbrio entre o uso do pronome e da forma estigmatizada, como vemos em sua fala (*Moramos em oito marmanjos; Conversamos; Moramos juntos; Já viajamos juntos todo dia.etc.*)

A I9, exemplar da Classe P e com padrão linguístico bem próximo do culto, também faz uso da expressão *A gente*. Há doze ocorrências neste sentido na entrevista transcrita com sua fala, em 35% das vezes usa *A gente* e 65% emprega o *Nós*, o que vem a comprovar a assertiva de Omena (1998b) quando afirma que “o uso de *A gente* por *Nós*, em estruturas que não ferem a CV, dada sua expansão, já não é tão fortemente estigmatizada, principalmente na fala informal. (OMENA, 1998b, p. 311).

O I11 só utiliza *Nós* em uma passagem.

Com o I13 observamos que, mesmo com o indivíduo adentrado numa Classe P, sua expressão linguística pode se aproximar ao falar popular, uma vez que as ocorrências de CV de sua fala caminham neste sentido. Com relação ao fator em destaque, das oito ocorrências, utilizou *A gente* em sete, ou seja, em sua grande maioria.

Os demais informantes não apresentaram dados que necessitassem de maiores explicações.

O Quadro 2 mostra o uso entre nossos informantes:

| INF | NÓS EXPRES SO | NÓS OCULTO | A GENTE EXPRESSO | A GENTE OCULTO | OUTROS ² | TOTAL |
|------------------------|---------------------|---------------|---------------------|-------------------|---------------------|------------|
| INF1 | 5 | 0 | 0 | 0 | 0 | 5 |
| INF2 | 0 | 1 | 6 | 0 | 0 | 7 |
| INF3 | 2 | 2 | 4 | 0 | 0 | 8 |
| INF4 | 0 | 1 | 5 | 0 | 0 | 6 |
| INF5 | 0 | 5 | 5 | 2 | 0 | 12 |
| INF6 | 7 | 0 | 2 | 0 | 0 | 9 |
| INF7 | 6 | 0 | 2 | 0 | 0 | 8 |
| INF8 | 1 | 3 | 6 | 1 | 0 | 11 |
| TOTAL | 20 | 12 | 30 | 3 | 0 | 65 |
| INF9 | 4 | 2 | 4 | 1 | 2 | 12 |
| INF10 | 1 | 5 | 8 | 0 | 0 | 14 |
| INF11 | 1 | 0 | 7 | 0 | 0 | 8 |
| INF12 | 2 | 7 | 14 | 2 | 1 | 26 |
| INF13 | 1 | 0 | 6 | 1 | 0 | 8 |
| INF14 | 1 | 0 | 3 | 0 | 0 | 4 |
| INF15 | 1 | 1 | 6 | 0 | 0 | 8 |
| INF16 | 0 | 2 | 7 | 0 | 1 | 10 |
| TOTAL | 11 | 17 | 55 | 4 | 4 | 90 |
| TOTAL GERAL | 31 | 29 | 85 | 7 | 4 | 156 |

Quadro 3 – Uso de *Nós/A gente* - Fonte própria, 2012.

Considerações finais

Neste trabalho, primeiramente, deixamos claras as nossas bases, ressaltando a importância da Dialetologia e apresentando os conceitos básicos da teoria Sociolinguística.

Tendo como foco esse fator linguístico marcador de classes, a CV, apresentamos as considerações de alguns autores sobre o tema, destacando também a importância de repensar certos conceitos em sala de aula, a fim de que esta possa ser tratada de forma menos estigmatizada na escola.

² Três informantes utilizaram sujeitos compostos: INF9: Q5 – Eu e meu avô quase não conversamos; Q8 – Eu e um colega ensinamos matemática. INF12: Q18 – Eu e meu namorado saímos. INF16: Q21: Vamos eu e meus amigos.

Após esse apanhado teórico, chegamos às análises, constatando que fatores linguísticos são deveras importantes na realização ou não da CV.

Fechamos nossas considerações trazendo uma fala proferida por Riobaldo, inesquecível personagem de Guimarães Rosa, que diz: “*O senhor ... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando*” (ROSA, 2001, p. 38).

Se toda mudança sempre é enriquecedora, a mudança linguística, então, é um tesouro.

Referências

- BACCEGA, M. A. **Concordância Verbal**, São Paulo: Ática, 1986.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUENO, S. **Gramática normativa da língua portuguesa** – Curso superior. 7 ed. São Paulo: Saraiva, 1968
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CARONE, F. B. **Morfossintaxe**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CASTILHO, A. T. de A variação linguística, norma culta e o ensino de língua materna. In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e o 2º graus**. São Paulo: SE / CENP. 1988, 3 v.
- _____. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO E MOURA. **Gramática**. 19 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FERREIRA, C. CARDOSO, S. **A Dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. p. 49-85.
- _____. **Principios del cambio lingüístico**. Volumen 2: factores sociales. Madrid, Editorial Gredos, 2006.
- _____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G.M.O; SCHERRE; M.M.P. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis no português**

falado na cidade do Rio de Janeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998a.

PERINI, M. A. **A gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

ROCHA LIMA, L. C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português**. Fórum lingüístico, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-graduação em Lingüística, Florianópolis: Imprensa Universitária. 1:45-71. 1998.

SCHERRE, M. M. P. **Paralelismo lingüístico**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

_____. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolingüística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TERRA, E. **Minigramática**. São Paulo, Scipione, 1997.